

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA DISCIPLINA  
DE MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA NO  
ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

Ana Lourdes Sousa Pereira

*Graduanda do 4º período em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/CESI, [analourdespereira3@gmail.com](mailto:analourdespereira3@gmail.com).*

Sônia Maria Nogueira

*Doutora em Língua Portuguesa (PUC/SP). Orientadora  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/CESI, [ssonianogueira@gmail.com](mailto:ssonianogueira@gmail.com)*

**RESUMO**

Estudar para compreender a língua materna é de suma importância, ainda, quando se trata do ensino de uma segunda língua, pois facilita o aprendizado da Língua Estrangeira e suas funções quando relacionado à língua materna. Pensando nessa relação, o trabalho objetiva perceber qual o amplo valor da disciplina de Morfossintaxe da Língua Portuguesa do curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas, da UEMA, no processo de ensino-aprendizagem tanto teórico, como estudante, quanto prático, como professor de Inglês Língua Estrangeira. Sob a perspectiva de estudante-professor, ainda, objetivamos entender a fim de ensinar as funções e classificações dos vocábulos dentro das orações, salientando a adequação do uso das vírgulas e a identificação dos elementos coesivos.

**Palavras-Chave:** Produção Textual. Língua Portuguesa. Língua Inglesa. Morfossintaxe

**INTRODUÇÃO**

O licenciado em Letras é aquele que investiga e utiliza a linguagem (nacional ou estrangeira) como instrumento indispensável no exercício de suas atividades profissionais. É o responsável por ensinar a ler, escrever e interpretar em uma determinada língua. Pode, também, exercer outras atividades, tais como de tradutor e revisor de textos em diversas áreas do mercado de trabalho. O curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas foi implantado no ano 1996 na Universidade Estadual do Maranhão/ Centro de Ensinos Superiores de Imperatriz – UEMA/CESI.

De acordo com o currículo do curso, a disciplina de Morfossintaxe da Língua Portuguesa, especificamente, tem a carga horária de 60 horas e é, geralmente, oferecida no terceiro período regular deste curso na UEMA/CESI. Trata-se de um estudo teórico-prático fundamentado na revisão

crítico-reflexiva da descrição morfológica e sintática proposta pela Gramática Tradicional Contemporânea, na relação com as Gramáticas Descritiva e Funcional.

Dentre os objetivos da disciplina, temos o de proporcionar conhecimentos sobre análise morfológica e sintática nos mais variados gêneros textuais, além de distinguir os tipos de gramática e analisar textos morfossintaticamente. Para tanto, de acordo com as referências básicas, Bechara (2015, p. 45) assevera que os “estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra gramatical*, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*”. Assim, Carone (1994, p. 17) complementa que “a descrição das línguas – de sua estrutura e de seu funcionamento, *forma e função* – deve conduzir à sistematização e à classificação de todos os seus aspectos”.

A ideia para este trabalho surgiu a partir da Disciplina de Morfossintaxe da Língua Portuguesa, no terceiro período do curso de Letras, quando observamos, no papel de professor de Língua Inglesa e acadêmico de Letras, que a compreensão de uma nova língua é mais eficaz quando se tem um bom conhecimento sobre a língua materna, no caso a Língua Portuguesa.

Assim sendo, quando o assunto é aprender uma nova língua, a leitura é essencial e convém considerar que este processo, ainda que demorado, deve estar sempre estimulando os alunos dentro e fora da sala de aula. Admitindo que os atuais acadêmicos sejam futuros professores da Rede Pública de Ensino, deverão estar de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), que propõem que as atividades de leituras levem em consideração a diversidade de textos que circulam socialmente. Com isso, a aprendizagem de novas línguas nas escolas pela leitura é, fundamentalmente, um objetivo a ser alcançado. Para tal, essa leitura deve fazer sentido para o aluno, pois o incentiva no conhecimento de mundo, na compreensão, na escrita e na interpretação textual. A leitura é, então, essencial para o ensino-aprendizagem de uma nova língua. Assim, concordamos com STAHEL (2003, p.12) quando diz

[...] o mundo parece ser feito apenas de coisas que a gente vê nele, mas há outras que não vemos, embora existam, são as coisas que lemos. Elas estão escondidas no meio das letras, e é preciso ler para que elas apareçam diretamente em nossas cabeças. Se não lemos, todas essas coisas que estão guardadas nos livros não aparecem para nós. Quem não lê, só vive uma parte das coisas do mundo, e não consegue conhecer tudo.

A partir do exposto, abordamos a contribuição do conhecimento da língua materna para um melhor aprendizado de uma língua estrangeira. Importante, também, é saber reconhecer as funções e classificações de um vocábulo dentro de uma frase ou texto, pois se trata uma estratégia didática para a aquisição do mesmo conteúdo em duas ou mais línguas diferentes.

Partindo do princípio que o estudante-professor necessita fazer o uso de textos com conteúdo conhecidos, presentes tanto na sua realidade como na do aluno, foi proposta a elaboração de um texto tanto em português quanto em inglês e a análise morfossintática do mesmo, nas duas línguas, para posterior comparação.

## DESENVOLVIMENTO

Algumas ocorrências linguísticas são comuns na Língua Portuguesa e na Língua Inglesa, já outras não são tão comuns. A exemplo de divergência entre as duas línguas, mencionamos a união de preposições por combinação (sem perda de fonema) e contração (com queda de fonema) com outras palavras, em português temos “a+o=ao; de+o=do”, respectivamente. ; em+a=na; per+os=pelo. Em inglês, não existe essa variação, assim, apresentamos os mesmos exemplos: “to, from; of; in, by”.

Em continuidade com divergências, na Língua Inglesa, existem sete tempos verbais principais: *Simple Present, Simple Past, Simple Future, Present Continuous, Simple Present Perfect, Present Perfect Continuous, Past Continuous*. Já, na Língua Portuguesa, exemplificamos dois modos com seus respectivos tempos verbais: **1)** Indicativo, com dez tempos: *Presente, Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Mais-Que-Perfeito Simples, Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto, Futuro do Presente Simples, Futuro do Presente Composto, Futuro do Pretérito Simples, Futuro do Pretérito Composto*; **2)** Subjuntivo, com seis tempos: *Presente, Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito, Pretérito Mais-Que-Perfeito, Futuro Simples, Futuro Composto*.

Quanto à semelhança, de acordo com a transitividade verbal, existem verbos transitivos e intransitivos nas duas línguas, sendo que um mesmo verbo pode assumir as duas classificações, dependendo do contexto da frase em que está inserido, em ambas as línguas. A exemplo, apresentamos um verbo da Língua Inglesa, com as respectivas traduções: **a)** “*According to the instructions, we must **leave** this goo in our hair for twenty minutes*” (De acordo com as instruções, nós devemos deixar essa mistura em nosso cabelo por vinte minutos), desse modo, o verbo *leave* (deixar) é transitivo e precisa de complemento; **b)** “*We would like to stay longer, but we must **leave***” (Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de ir.), neste caso, o verbo *leave* (ir) é intransitivo e muda de significado, quando comparado à frase **a)**. Na Língua Portuguesa, identificamos o verbo **partir**: **a)** “Vou partir a fruta em três partes”, trata-se de verbo transitivo; **b)**

“Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de partir”, assim sendo, o verbo é intransitivo e, também, muda de significado.

Em relação aos verbos de ligação, eles existem tanto em português quanto em inglês, uma vez que não indicam ação e ligam o sujeito ao predicado. Campos (2010) define que os “verbos que são seguidos por adjetivos são denominados *linking verbs*” (verbos de ligação), inclusive, os “adjetivos descrevem o sujeito da oração. Para a Língua Inglesa, os *linking verbs* mais comuns são: *feel, look, smell, sound, taste, appear, seem, become*” (sentir, olhar, cheirar, ouvir, gostar, aparentar, parecer, transformar, respectivamente). Para a Língua Portuguesa, Bechara (2015) afirma que os verbos de ligação mais comuns são: ser, estar, permanecer, parecer, ficar, continuar e andar.

Foram citadas algumas divergências e semelhanças entre as Línguas Portuguesa e Inglesa. Assim como estas, existem alguns outros tópicos que a compreensão dos mesmos, na língua materna, é necessária para que haja uma melhor aprendizagem sobre o assunto na língua estrangeira. Desse modo, o conteúdo selecionado para a produção textual e análise foi Pronome.

O pronome, em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa, segundo Bechara (2015), “é a classe que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. Assim, existem as seguintes classificações: pessoais, oblíquos, possessivos, demonstrativos, reflexivos, indefinidos, interrogativos e relativos:

- Os pronomes pessoais designam as pessoas do discurso:

Língua Portuguesa	Língua Inglesa
Eu	I
Tu	You
Ele	He, it
Ela	She, it
Nós	We
Vós	You
Eles, elas	They

- Os pronomes oblíquos são chamados de *object pronouns*, pois são usados depois do verbo ou de uma preposição, como objeto. Segue exemplo: **a)** Dance **comigo**. / *Dance with **me***; **b)** Eu preciso falar com ela. / *I need to talk to **her***.
- Os pronomes possessivos, que indicam posse. Em Língua Inglesa, dividem-se em *possessive pronouns* e *possessive adjectives*. Segue um exemplo de cada caso: **a)** Minha mochila é rosa e está ao lado da mesa. / ***My** backpack is pink and it's beside*

*the table; b) Esse perfume é deles. / This perfume is theirs.* Para conferir, inserimos uma comparação completa entre os dois casos:

Personal pronoun	Possessive pronoun	Possessive adjective
I	Mine	My
You	Yours	Your
He	His	His
She	Hers	Her
It	Its	Its
We	Ours	Our
You	Yours	Your
They	Theirs	Their

- Os pronomes demonstrativos ou *demonstrative pronouns*, que trazem à memória os nomes a que se referem. Convém esclarecer que, na Língua Inglesa, não existe a flexibilidade de gênero em muitas palavras, a exemplo destes pronomes: **This** (este, esta, isto), **that** (aquele, aquela, aquilo), **these** (estes, estas) e **those** (aqueles, aquelas).
- Os pronomes reflexivos se referem ao sujeito da frase ou quando o sujeito é, ao mesmo tempo, o objeto do verbo:

Personal pronouns	Demonstrative pronouns
I	Myself
You	Yourself
He	Himself
She	Herself
It	Itself
We	Ourselves
You	Yourselves
They	Themselves

- Os pronomes indefinidos são os que se aplicam à 3ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada, como por exemplo: alguma, alguém, todo mundo, qualquer, e *something, anybody, everybody, either, however*, etc.
- Os pronomes interrogativos são pronomes indefinidos que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas.

Língua Portuguesa	Língua Inglesa
O que?/Qual?	What
Quem?	Who?
Quanto?	How much?/How many?

- Os pronomes relativos, que se referem a um termo anterior. O inglês é mais completo do que o português nesse aspecto. Já que, na Língua Portuguesa, os mais utilizados são: *que*, *o qual* e *cujo* (e suas variações de gênero); na Língua Inglesa, temos uma certa classificação. Os que se referem a pessoas: *who*, *that*, *whom* e *whose*; a coisas e animais: *which*, *that*, *whose* + substantivo; e a lugares: *where*, *that*.

Baseado em comparações feitas, na Língua Inglesa e Portuguesa, foi proposto para turma a produção de um texto em ambas as línguas para que fosse analisado morfossintaticamente. Tivemos como exigências da produção textual, mínimo número de 5 linhas e máximo de 10. O foco, tanto na produção quanto na análise, seria o pronome.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No íterim do processo, desde a ideia inicial até sua execução, nas análises morfossintáticas por meio de produções textuais, foi possível perceber uma significativa contribuição para a aprendizagem do estudante-professor. Com a produção textual e a análise morfossintática, os acadêmicos tiveram a oportunidade de usar certos vocábulos, fazer comparação dos mesmos entre morfologia e sintaxe da Língua Portuguesa e Inglesa.

Dentre os resultados da proposta didática, podemos destacar alguns, como despertar o prazer em estudar linguagens; as vantagens que essa prática traz no ensino-aprendizagem; além de fazer o estudante-professor refletir que o ensino de uma segunda língua pode ser bem-sucedido por meio do confronto com a língua materna.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Tecnologias da comunicação e informação. In: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais** (5ª parte). Brasília: MEC/SEF, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Fácil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. 38. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

CAMPOS, Giovana Teixeira. **Manual compacto de gramática da língua inglesa**. São Paulo: Rideel, 2010.



CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1994.

STAHEL, Mônica. **Quatro mitos brasileiros**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.